



A representação de Educação, Trabalho e Emprego em um caderno dominical do 'Jornal do Brasil' ¹

Eliane Bardanachvili, mestranda da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Faculdade de Educação ²

Resumo

Este trabalho busca apresentar questões relacionadas ao tratamento dado à temática Educação/Trabalho/Emprego – que ganha novos contornos no limiar do século XXI – na mídia impressa e, em especial, no caderno dominical *Educação & Trabalho* do *Jornal do Brasil*, que circulou de 1999 a 2001. Essas questões deverão nortear pesquisa, na qual pretende-se analisar as entrevistas publicadas na capa e página 2 do caderno, verificando-se de que forma são representados os conceitos de educação, trabalho e emprego nas idéias defendidas pelos entrevistados; pontuando tendências teórico-políticas que eles expressam; e buscando compreender por que o caderno de empregos de jornal de grande circulação abriu espaço ao debate e à reflexão, diferentemente do que vinham fazendo as publicações do gênero, e na contramão do que se apresentava na cobertura de Educação na grande mídia, marcada pelo denunciamento.

Palavras-chave: Educação, trabalho, emprego, jornalismo

1. Introdução

Entre janeiro de 1999 e abril de 2001, o *Jornal do Brasil* (JB) publicou um caderno semanal veiculado nas edições de domingo, que deveria dar um novo tom ao seu encarte de classificados de empregos. Chamou-se, inicialmente *Educação, Trabalho & Emprego*, tornando-se *Educação & Trabalho* alguns meses depois, nome que manteve até ser extinto. A iniciativa deu-se em um período no qual as rápidas transformações tecnológicas que se impunham em todo o mundo faziam-se sentir mais fortemente num mercado de trabalho assim descrito por Manuel Castells (1999):

Quando a demanda de quantidade e qualidade tornou-se imprevisível; quando os mercados ficaram mundialmente diversificados e, portanto, difíceis de ser controlados; quando o ritmo de transformação tecnológica tornou obsoletos os equipamentos de produção com objetivo único, o sistema de produção em massa ficou muito dispendioso (...) O sistema produtivo flexível surgiu como uma possível resposta para essa rigidez (...) Sistemas flexíveis de produção em grande volume (...) As novas tecnologias permitem a transformação das linhas de montagem típicas da grande empresa em unidades de produção de fácil programação que podem atender às variações do mercado (flexibilidade do produto) e das transformações tecnológicas (flexibilidade do processo). (p. 176)

¹ Trabalho apresentado ao GT de Jornalismo, do V Congresso Nacional de História da Mídia.

² Jornalista, mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário da Cidade, editora do Portal MULTIRIO/Empresa Municipal de Múltiplos/Prefeitura do Rio/Secretaria Municipal de Educação (ebardana@gmail.com)



A tecnologia acelerada, embora permitisse uma comunicação global, acirrava as diferenças socioeconômicas e desequilibrava o meio ambiente, no qual “aumenta-se a produtividade da economia, sem ampliar na mesma proporção a necessidade de empregar trabalhadores”, conforme analisa Gaudêncio Frigotto (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2001, p. 32), gerando pressões, demandas, exigências e perplexidade. Algumas iniciativas da mídia impressa – revistas especializadas de grande circulação e cadernos encartados nos jornais – despontaram, com o objetivo de trazer para as bancas de jornal – e, portanto, para o leitor comum – um suporte ansiado por todos aqueles que buscavam um lugar ao sol nesse conturbado contexto, marcado por muitas perguntas. Essas publicações buscaram atingir o leitor dando conta de um mesmo objetivo: indicar um caminho para quem quisesse se empregar, uma espécie de guia de sobrevivência, um receituário, que incluía engordar o currículo com cursos e certificados de línguas, softwares e especializações, para que recém-ingressos ou veteranos no mercado atingissem o sucesso profissional. Empregabilidade era a palavra norteadora das reportagens, entrevistas, lista de dicas, enfim, do conteúdo da maioria dessas publicações.

Citam-se aqui duas delas, a título de exemplo, ressaltando-se que não serão foco de análise. O caderno *Boa Chance*, do jornal *O Globo*, foi lançado em 1993, trazendo, inicialmente, informações sobre empregos e oportunidades, para, aos poucos, tratar do “desenvolvimento de carreiras e temas de RH”, buscando não apenas o leitor à procura de emprego ou alguma atividade profissional, mas aquele que está empregado ou é dono de uma empresa e quer se desenvolver, enfim “tudo o que pode representar oportunidades de negócios e empregabilidade para o leitor”, como definiu uma repórter do caderno³. Outro exemplo, a revista *Você S/A*, mais recente, criada em abril de 1998, a partir da constatação de que “o mundo do trabalho estava mudando”, também define seu propósito como o de “ajudar os executivos brasileiros a cuidar da sua empregabilidade”⁴.

³ Declaração da repórter do caderno *Boa Chance* Luciana Calaza em entrevista ao site da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Ver <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=834>.

⁴ Texto de apresentação da revista, disponível em http://vocesa.abril.uol.com.br/servicos/quem_somos.shtml



2. Uma proposta centrada na reflexão

Em uma primeira aproximação, o caderno lançado pelo JB e, mais especificamente, as entrevistas veiculadas na capa e página 2, parecem ter-se pautado por uma proposta diversa daquelas que norteavam as publicações citadas: ao invés de manter-se nos eixos profissionalizante e da competitividade, traziam ao debate, para o leitor do jornal de domingo, “a importância de uma formação global e humanista do indivíduo – a escola, aí, com papel fundamental – para uma sociedade globalizada, competitiva e individualista, que concentra bens, serviços e – principalmente – informação e conhecimento nas mãos de alguns poucos e alimenta a exclusão de muitos”, como observa a jornalista Ana Lagôa, idealizadora do caderno⁵.

Esse viés de abordagem do caderno expressa-se já em seu título, indicando que à temática do emprego foram agregadas a de educação e de trabalho. Cerca de cem especialistas de diversas procedências e formações – entre os quais educadores, historiadores, sociólogos e empresários – foram entrevistados, compondo um panorama de representações de educação, trabalho e emprego.

Uma leitura inicial das entrevistas já sugere algumas questões a serem investigadas nesse conteúdo: a educação com vistas à preparação de mão de obra x a educação humanista como forma de dar ao indivíduo uma prontidão para o novo; a educação profissionalizante como opção (excludente?) para os que não chegam à universidade; a oposição trabalho/emprego; a perenidade do capitalismo, alçado à condição de eterno (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2001), no século 21, e as novas possibilidades para a economia; a relação entre formação escolar e empregabilidade; o individualismo e sua (in)eficácia para fazer frente às novas conformações da sociedade; as noções de competência e competitividade etc.

O fato de agregar à temática do emprego, as temáticas da educação e do trabalho, e tratar a questão jornalisticamente – e, portanto, palatável, convidativa a um leitor de jornal – torna as entrevistas do caderno do *Jornal do Brasil* uma fonte de estudos capaz de trazer resultados reveladores. A proposta editorial, reunindo os três focos da análise, permite que se lide com questões atuais como a organização do trabalho e os paradigmas da produção em série e flexível⁶; e o debate em torno de conceitos que

⁵ No artigo *Trabalho e responsabilidade social*, publicado no site do Observatório da Imprensa (www.observatoriodaimprensa.com.br), em 25/09/2002.

⁶ Ver, entre outros, BARDANACHVILI, Eliane. *Trabalho, mercadoria obsoleta*. Artigo publicado no site <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>.



tratam das complexidades da *sociedade do conhecimento*, expressão descrita pela primeira vez, ainda em 1976, por Daniel Bell⁷ e seus desdobramentos, como o conceito de *sociedade informacional*, de Manuel Castells (1999), que não seria mais apenas alvo de impactos informacionais, mas teria a própria estrutura básica apresentada em rede.

A investigação leva em conta ainda o fato de o caderno de empregos de um jornal de grande circulação abrir espaço em sua edição dominical ao debate e à reflexão, em torno dos três conceitos, diferentemente do que vinham fazendo as demais publicações do gênero e diferentemente do perfil da cobertura de educação em geral pela grande mídia, que tinha como tônica o denunciamento (com abertura de espaços nas páginas dos jornais para tratar de temas como greves e falta de professores ou de escolas públicas quebradas), ou matérias de serviço (tais como a escolha de uma boa escola, orientações para o vestibular etc.)⁸. E, ainda, que aspectos foram favoráveis à iniciativa de se retirar a discussão dos nichos nos quais já vinha sendo levada à frente, tais como universidades e centros de pesquisa, em textos acadêmicos e livros especializados, para trazê-la ao leitor comum. Cabe indagar também por que o caderno foi extinto, se as questões relativas a educação, trabalho e emprego persistem, se a discussão, ainda pertinente, portanto, é pouco acessível, no dia-a-dia, e se as instituições de ensino, que precisam se pautar por um aprender permanente para dar conta dos desafios que a sociedade em rede nos impõe, ainda estão longe de promoverem “um novo profissionalismo”, descrito por Hargreaves (2003), em que os professores “como catalisadores da sociedade do conhecimento” devem:

- Promover a aprendizagem cognitiva profunda.
- Aprender a ensinar por meio de maneiras pelas quais não foram ensinados.
- Trabalhar e aprender em equipes de colegas.
- Tratar os pais como parceiros na aprendizagem.
- Desenvolver e elaborar a partir da inteligência coletiva.
- Construir uma capacidade para a mudança e o risco.
- Estimular a confiança nos processos. (p. 40)

Estudar o conteúdo do caderno torna-se pertinente, seja pelo fato de ele ter existido, seja pelo fato de ter deixado de existir. Visitar essas entrevistas e analisar de que forma estão

⁷ BELL, Daniel.

⁸ Ver, entre outros, BARDANACHVILI, Eliane; MOREIRA, Martha Neiva; TAVARES, Marcus; e VAZ, Elida. *A Educação na imprensa carioca da década de 90*, nos anais do 4º Encontro Nacional de História da Mídia, maio/junho, 2006, São Luís (MA), em http://www.redealcar.net/trabalhos_inscritos_gt_historia_jornalismo.php



ali representados educação, trabalho e emprego pode conduzir a um novo olhar sobre seu teor, diferente da leitura linear empreendida pelos leitores do jornal, e da qual dever-se-ão extrair novos conhecimentos, de interesse de profissionais que lidam com o novo mundo do trabalho, seja os que pesquisam, seja os que formulam políticas econômicas e educacionais, ou os que estão à frente de empresas e outras organizações, todos imersos em uma realidade da qual tem-se, ainda, pouca clareza.

3. Teoria das Representações Sociais

Um caminho para se analisar como a temática da educação, do trabalho e do emprego aparece nas entrevistas do caderno do *Jornal do Brasil* pode ser o da Teoria das Representações Sociais, tal como é apresentada por Serge Moscovici (1996), que a inaugurou:

“Representar uma coisa (...) não é com efeito simplesmente duplicá-la, repeti-la ou reproduzi-la; é reconstituí-la, retocá-la, modificar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre o conceito e a percepção, um penetrando no outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de ‘realismo’ (...) Essas constelações intelectuais uma vez fixadas nos fazem esquecer de que são obra nossa, que tiveram um começo e que terão um fim, que sua existência no exterior leva a marca de uma passagem pelo psiquismo individual e social” (p. 58)

Tomar-se-ão como objeto de representação os três conceitos citados (**educação, trabalho e emprego**). Neste caso, após leitura atenta de todas as entrevistas, seriam estabelecidas etapas de trabalho (MOSCOVICI, 1996, p. 34 e 35), iniciando-se pelo estabelecimento de uma hipótese – por exemplo, as entrevistas rompem com os paradigmas de educação, trabalho e emprego, próprios do século passado –, a ser confirmada ou refutada de acordo com uma classificação que levaria em conta itens como número de artigos publicados, termos utilizados, temas que se repetem, relações entre os temas e sua avaliação. Essa classificação seria obtida a partir de um questionário aplicado a cada entrevista.

A análise prosseguiria com uma pesquisa nas entrevistas de “asserções significativas, que pareçam resumir uma posição importante na visão de quem emite a asserção, ou no seu ‘discurso’”. (MOSCOVICI, 1996 p. 34).



Esse processo utilizado por Moscovici deverá, ainda, ser aprofundado e confrontado com os conceitos dos demais teóricos da representação social. Além disso, pode ser recriado para atender as demandas do presente trabalho.

Referências bibliográficas

BAUMAN, ZYGMUNT. *Globalização: as conseqüências humanas*, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

BELL, Daniel. *O advento da sociedade pós-industrial*. São Paulo, Cultrix: 1973.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

DRUCKER, Peter. *Sociedade Pós-Capitalista*. Editora Pioneira. São Paulo: 1999.

FRIGOTTO, G. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo, Cortez: 2003.

_____ e CIAVATTA, Maria (org.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis, Vozes: 2001.

_____ e GENTILI, Pablo (org.). *A cidadania negada – Políticas e exclusão na educação e no trabalho*. São Paulo, Cortez: 2002.

GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (org.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, Vozes: 1995.

HARGREAVES, Andy. *O ensino na sociedade do conhecimento – Educação na era da insegurança*. Porto Alegre, Artmed: 2003.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos, o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras: 1996.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar: 1978.
SÁ, Celso Pereira de. *Sobre o núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.